

arte



Tunísia: na arte das pedras, as asas da história

Atílio Avancini



Com 25 mil sítios arqueológicos, a Tunísia se revela um museu a céu aberto exposto ao sol, vento e chuva. Volta-se ao tempo romano da dimensão do cavalo, a cada 30 km há vestígios de ocupação humana antiga em aldeamento prolongado, gerando experiências de retorno ao passado. A sua extensão norte-sul promove diversidade ambiental, contrastando o verde da região mediterrânea com o deserto da região do Saara (40% da superfície do território). Por isso, há um provérbio tunisiano que enaltece a chuva: “Quando o céu chora, a terra sorri”.

A Tunísia localiza-se na costa mediterrânea da África do Norte, pertencendo à região do Magrebe, que em língua árabe significa “Ocidente”. O Grande Magrebe inclui Mauritânia, Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia. A área da Tunísia foi chamada de “África Menor” ou “Celeiro do Império” depois da batalha de Cartago, em 146 a.C., conquistada por Roma, tornando-se latina. Roma

controlaria o comércio do Mar Mediterrâneo. O resultado foi a evolução da economia por conta da agricultura. “Há três fatores que foram valorizados pelos romanos: água, pedra e terra fértil” (Mbarki, 2024).

Depois, a região foi dominada pelos árabes por cerca de 1.300 anos. O árabe é a língua oficial e o árabe tunisiano, conhecido como *derja*, é a variedade cultural. A bandeira vermelha, adotada na primeira metade do século XIX, originária do Império Otomano, sintetiza o sangue dos mártires. No centro, em branco, há a lua crescente e a estrela de cinco pontas (Foto 1). A lua crescente, considerada medida temporal, evoca a morte e a ressurreição. E a estrela simboliza os cinco mandamentos do Islã (a palavra vem do árabe *islam*, “submissão”):

ATÍLIO AVANCINI é fotógrafo, professor associado do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP.

1



fé, oração, jejum, peregrinação e caridade. 2 O livro sagrado dos muçulmanos é o *Alcorão* e os seguidores do islamismo acreditam ser a divindade Alá onipotente e onisciente.

Apesar da diversidade transnacional de sua formação, a afirmação identitária da Tunísia é a cultura árabe-otomana. Em 1881, a Tunísia, quebrada economicamente, passou a ser protetorado francês; independeu-se em 1956, tornando-se logo em seguida república. A língua francesa é falada, mas não oficialmente, sendo utilizada na educação, mídia comercial e negócios. Considerado um dos países mais desenvolvidos da África (IDH e renda *per capita*), há, entretanto, elevada taxa de desemprego entre os jovens. Na Tunísia, guiada pela Constituição de 2014 e pela religião islâmica (99% são muçulmanos), há o divórcio. Salem Mbarki (2024) relatou em entrevista não haver prostíbulos e o homossexualismo ser considerado antinatural, apesar de homens se beijarem e andarem de braços dados



e não haver a obrigação do véu feminino (Foto 2). Mbarki disse ainda não haver bebidas alcoólicas em lugares públicos, com raros casos de furtos e homicídios.

COMERCIANTES E NÃO GUERREIROS

Cartago situa-se à beira-mar, ao lado de Túnis. As terras férteis da planície costeira úmida formaram o berço da civilização cartaginesa, com apogeu no século III a.C., passando por vários momentos de interação com outras civilizações até a sua des-

truição completa pelos romanos, na última 3 Guerra Púnica. O professor Salem Mbarki (Foto 3) afirma que os cartagineses foram comerciantes e não guerreiros. Traços da cultura local (tribos berberes), bem como a influência fenícia (do primeiro milênio a.C.), apresentam-se de modo contundente. A civilização fenícia, cultura comercial marítima espalhada pelo Mar Mediterrâneo, veio das regiões litorâneas dos atuais Líbano, Síria e Israel. A costa da Tunísia foi colonizada por fenícios, demarcando a fundação da cidade de Cartago em 814 a.C. A invasão cartaginesa na Península Itálica, conduzida por Aníbal, promoveu a sequência de guerras com a Roma antiga.

As ruínas de Cartago estão dispersas em uma grande área. É comovente ver uma civilização mediterrânea que, se tivesse vencido a última Guerra Púnica, teria mudado o curso da história. Há um anfiteatro destruído num parque, ao lado, as termas de Antonino e, no entorno, a suntuosidade dos palácios,

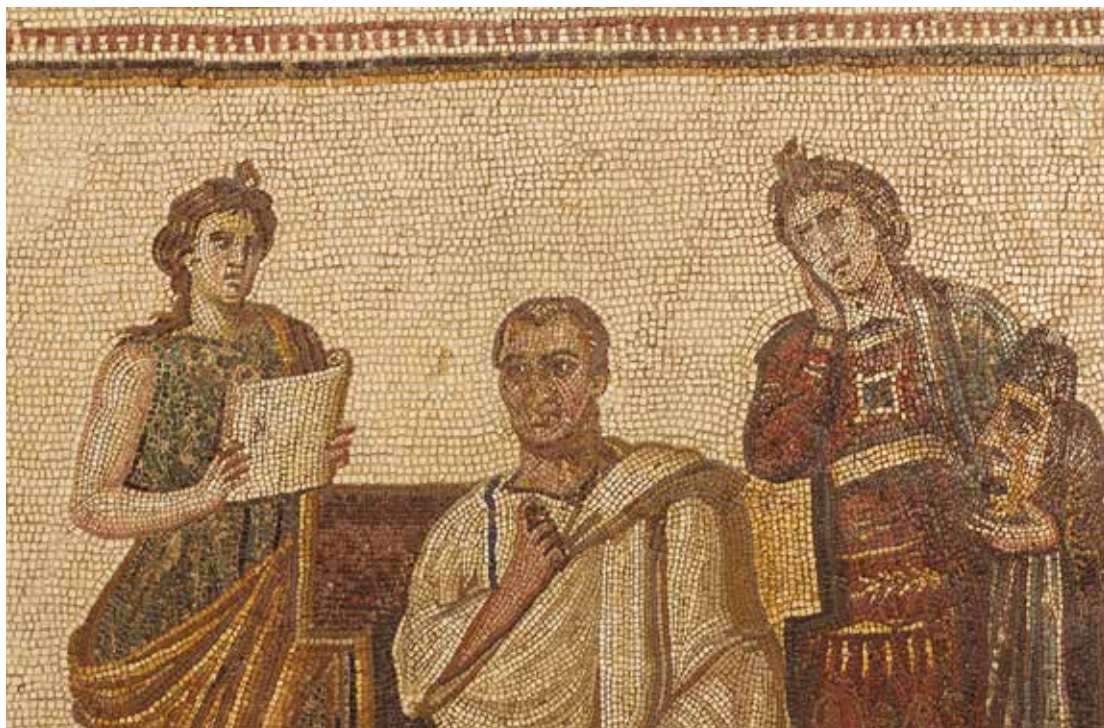


tudo emoldurado pela vista panorâmica do Golfo de Túnis (Foto 4). O nome das termas, prática romana de banho público, homenageia o imperador romano Tito Antonino Pio (138-161). Cartago era o centro comercial mais importante do Mediterrâneo antigo e uma das cidades-referência do mundo clássico. Hoje, há uma ocupação tipicamente mediterrânea que pode também ser vista na Grécia. Os terraços criam uma ambiguidade entre os espaços internos e externos. Trata-se de uma cidade onde a magia e a cor se misturam.

O Museu Nacional do Bardo está localizado em Túnis, instalado em um palácio

4





desde 1888. É o segundo maior museu do continente africano depois do Museu Egípcio do Cairo. O Bardo apresenta a melhor coleção de mosaicos romanos e bizantinos do mundo em escala monumental. A região de Cartago foi vanguarda cultural no Império Romano do Ocidente e os mosaicos foram produzidos por artistas africanos, como a imagem do poeta Virgílio e as musas Calíope (poesia épica) e Polymnia (pantomima) do século III (Foto 5). As imagens recriam, pela incrustação de tesselas – unidades cúbicas de mármore colorido sobre parede ou piso –, a vida cotidiana da África romana e a história da Tunísia ao longo de várias civilizações. A pedra cúbica expressa a noção de estabilidade e equilíbrio. “Os artistas africanos utilizaram tesselas pequenas para os animais, grandes para os desenhos geométricos e pranchas de mármore para os lugares sagrados” (Iacono, 2019, p. 15).

A PEDRA COMO DEMARCAÇÃO DE LUGAR SAGRADO

Partindo do princípio da conexão entre o ser humano e o sagrado, bem como pelas nuances diferenciadas do espaço cultural e religioso tunisiano, as pessoas no cotidiano transmitem seu próprio jeito de estar no mundo. Pois as práticas islâmicas foram se adaptando aos contextos socioculturais por onde passou o Islã. Exemplo disso são as medinas de Túnis e Kairouan, localizadas em áreas elevadas, protegidas e antigas (Foto 6). A diversidade cultural-religiosa muçulmana é caracterizada pelas pessoas, culinária saudável – caracterizada pelo uso de ingredientes frescos e naturais – e coloridos artesanatos. A arquitetura das medinas é projetada em vielas estreitas e labirínticas, sem a presença ostensiva dos automóveis, ou seja, nesse audiovisual presencial estamos imersos em vários corredores que se interpenetram.

6



A cidade de Kairouan foi fundada em 670 por uma dinastia árabe, que começou a construção da Grande Mesquita, a primeira islâmica do Magrebe, classificada pela Unesco como patrimônio mundial. Em razão de sua localização estratégica a um

dia do mar (na dimensão do cavalo), Kairouan foi anteriormente dominada pelo poder de Bizâncio (colônia grega fundada em 658 a.C.) e populações berberes refugiadas nas montanhas e hostis à presença árabe (Foto 7). A partir do século IX, foi cidade prós-

7



pera com 100 mil habitantes, protegida por sólidas muralhas com mercados ou bazares abastecidos de produtos locais: joias, artigos de vidro, cerâmica e tecelagem. A Grande Mesquita, fundada em 836 pelo príncipe Ziyadat Allah, é ponto de convergência e monumento cultural-espiritual de Kairouan. Apesar de o Islã ter se colocado como “vigoroso e intransigente ao afirmar o princípio da verdade do *Alcorão*”, manifestou-se “flexível e tolerante em reconhecer espaços e direito de cidadania às outras culturas” (Pace, 2005, p. 280).

A Grande Mesquita é monumento islâmico e obra-prima da arquitetura universal – o seu interior não é interdito aos não muçulmanos –, e abriga o mais antigo minarete do mundo (Foto 8). Edifício emblemático de Kairouan, continua a ser o santuário mais antigo e prestigiado do Ocidente muçulmano. Algo marcante e definidor da Grande Mesquita é o controle do tempo na cidade. Destaca-se a escala perfeita, os vitrais e os ornamentos,

mas nada de imagens, Alá é soberano. Na arquitetura clássica, as colunatas de pedras, simetricamente dispostas, são características de civilizações diversas (fenícios, bizantinos, gregos e romanos). A coluna trabalha com o princípio da árvore: simboliza harmonia, fecundidade, ligação terra-céu e perfeição divina. E a pedra é sinônimo de conhecimento, demarcando um lugar sagrado. “A construção pedra sobre pedra evoca, evidentemente, a de um edifício espiritual” (Chevalier; Gheerbrant, 1989, p. 697).

O QUE SEPARA DUAS COISAS

Discutir a situação do universo feminino na Tunísia, diante dos preconceitos com os praticantes do Islã, faz remeter à vitória de Benazir Bhutto, no Paquistão, que abriu portas para avaliar a situação da mulher no Magrebe e no Oriente Médio. Bhutto foi duas vezes primeira-ministra nos

8



9



anos 1990, tornando-se a primeira mulher a ocupar cargo de chefia governamental em um país de maioria muçulmana. Bhutto foi assassinada em 2007 por um homem-bomba de apenas 15 anos. A escritora Fátima Mernissi, em *Sultanas esquecidas* (1990), trata da situação das mulheres, argumentando que os textos fundantes do Islã, o *Alcorão* e os ensinamentos de Maomé, incluem mulheres, ou seja, o conservadorismo viria dos patriarcas muçulmanos, mas não das palavras sagradas. Segundo Mernissi, os textos sagrados reivindicam pautas ligadas à diversidade e inclusão.

O uso do véu é um motivo de discriminação com as mulheres. O véu (*hijab*) e a cortina (*hajib*) significam em árabe “o que separa duas coisas”. Vestir o véu é separar-se do mundo para adentrar o mundo divino. E com a burca – vestuário que cobre o corpo da cabeça aos pés, com uma fresta na região dos olhos – tudo se amplifica (Foto 9). Entretanto, há jovens estudantes em Túnis sor-

ridentes e descontraídas, evitando as obrigações formais com o uso desse vestuário. Percorrem em grupos as avenidas largas ou medinas históricas esportivamente. Inspiram-se na divindade egípcia Ísis, que revela a luz com a retirada dos lenços, evitando a tradição do véu de Maria, a mãe de Jesus.

Há um paralelo entre o *hajib* e o *muxarabi*. Este último é um traço da arquitetura árabe – utilizado em janelas, varandas ou divisórias: treliças de madeira com aberturas geométricas –, que permitem o controle da visualização, luz e ventilação (Foto 10). *Hajib* e *muxarabi* proporcionam privacidade, gerando ambiguidade entre os espaços interno e externo.

UM PASSADO INCOMUM

Três sítios arqueológicos talhados pelos romanos chamam a atenção na Tunísia: El Djem, Sbeitla e Dougga. O anfiteatro de El

10



Djem (Foto 11), erguido em 240 e o terceiro coliseu do mundo, acomodava 30 mil pessoas para os espetáculos de lutas de gladiadores. Evidencia o poder da Roma Imperial e é considerado patrimônio mundial pela Unesco,

desde 1979. As pedras foram transportadas de Salekta, a 30 km da cidade de El Djem, que fica a 200 km de Túnis.

Sbeitla, cidade romano-bizantina erguida sobre a antiga Sufétula, onde o exército

11



12



romano afastou os berberes, evidencia traços de desenvolvimento urbanístico e econômico. Fundada no século I, conta com fórum, templos, capitólio, teatro, cisterna, termas e a cultura da oliveira para a produção do azeite (Foto 12). Com a

reconquista do norte da África, durante o reinado do imperador romano oriental Justiniano (527-565), os bizantinos instalaram-se, tentando perpetuar o legado de Roma. Mas, em 647, tornou-se conquista muçulmana pelos árabes. Sbeitla é bem

13





próxima de Kairouan (a primeira cidade islâmica do norte da África).

Dougga, ou Thugga, foi fundada no século V a.C., a 120 km de Túnis. Passou a ser uma cidade romana pelo imperador Júlio César em 46 a.C. Uma vila conservada e incomum, que viaja no tempo rodeada pelo céu, silêncio, oliveiras e paisagem campestre (Foto 13). As construções – fórum, teatro, capitólio, termas, mercado, templos e casas – parecem vivas nas pedras esculpidas das montanhas. Seus vários monumentos públicos tinham vocação religiosa, administrativa e comercial, todos com documentação epigráfica datada com precisão. Patrimônio mundial pela Unesco, em 1997, Dougga perdeu a importância com a chegada do cristianismo. Embora Santo Agostinho, convertido ao cristianismo em 387, tenha pregado em Dougga, ainda assim foi considerado por ele um lugar pagão.

A ABSTRAÇÃO NA ARTE

Em abril de 1914, o pintor suíço Paul Klee (1879-1940) aportou em Túnis. O seu diário relatava que ao desenhar e pintar teve uma série de revelações com a paisagem, a arquitetura e a claridade das cores transparentes de suas aquarelas. “Klee se sentia apto a afastar-se do objeto e a abstrair-se dele mais intensamente” (Partsch, 1993, p. 25). A abstração para Klee criava um distanciamento das relações meramente figurativas, ou seja, entre as formas perfeitas, como retratou em Túnis (Foto 14).

A pintura e a fotografia tornam-se importantes como valor testemunhal ao contar histórias sem explicações definitivas, havendo sempre diversas interpretações dos objetos. O leitor, pela arte, pode refletir para além da história contada. As ruínas históricas são quebra-cabeças para

15



a devida remontagem diante da diversidade transnacional. Quem refaz abraça o passado a evocar épocas e culturas. “Afinal tudo está inscrito na concretude das pedras e nas asas angelicais do tempo-espaço” (Avan-

cini, 2012, p. 245). A pedra desempenha um papel importante nas relações entre o céu e a terra (Foto 15). E a arte traz uma contribuição própria a partir de outros pontos de vista.

REFERÊNCIAS

- AVANCINI, A. “Asas da história, anjos do desejo”. *Revista Significação*, n. 38, 2012, pp. 227-46.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.
- IACONO, G. *Les mosaïques de la Villa Romaine du Casale*. Rimini, Edizione Siciliano, 2019.
- MBARKI, S. Entrevista a mim concedida no dia 8 de janeiro de 2024, em Túnis.
- MERNISSI, F. *Sultanas esquecidas*. Rio de Janeiro, Tabla, 1990.
- PACE, E. *Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais*. Petrópolis, Vozes, 2005.
- PARTSCH, S. *Paul Klee*. Köln, Taschen, 1993.